

**A SOCIOLINGUÍSTICA  
NO LIVRO DIDÁTICO *LEITURA DO MUNDO***

Soraia Aparecida Roques Pereira (UEMS)

[soraiaerpereira@hotmail.com](mailto:soraiaerpereira@hotmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@hotmail.com](mailto:natanielgomes@hotmail.com)

**1. Introdução**

O ensino da língua padrão é tido pelas escolas como um instrumento de suma importância para promover a diminuição das desigualdades sociais e para isso tem-se utilizado uma metodologia de ensino centrada nas teorias gramaticais transmitindo a ideia de que aprender a língua significa ter o domínio da gramática padrão, que privilegia o uso da escrita em detrimento à fala.

Considera-se que para o pleno exercício da cidadania faz-se necessário o domínio da palavra e que, de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN (1997, p. 32) “cabe a escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral em diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais.”

Observar-se que a competência da fala precisa ser trabalhada constantemente para que o discente desenvolva suas habilidades de expressão na sociedade. Diante desta problemática, procede-se à análise do livro didático *Leitura do Mundo*, de língua portuguesa voltado para o 6º ano do ensino fundamental, a fim de certificar a maneira como a autora Lucia Teixeira e Norma Discini propõe o trabalho com a expressão oral.

O objetivo desse artigo é de instigar os docentes para que façam uma crítica sobre o material didático de que dispõe, a fim de que procurem apoio em outros materiais caso o seu livro didático não aborde de maneira satisfatória a expressão oral bem como as variantes da língua.

A intenção aqui é fazer um pequeno estudo da língua direcionada para a linguagem verbal falada; a partir da análise da proposta de expressão oral do livro didático *Leitura do Mundo*, pela conclusão que apresenta os resultados obtidos, destacando que o trabalho não tem como meta avaliar os materiais estudados.

## 2. Breve história da sociolinguística

Sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, procura investigar e correlacionar aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre a língua e sociedade, focaliza os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

No meados do século XX, a área da linguística sofre mudanças significativas. É nesse momento que acontece a chamada virada paradigmática, ou seja os estudos linguísticos passam a se interessar não somente pelo sistema da língua em si, mas pelo seu uso. A partir daí surgem diversos campos de investigação que promovem uma relação interdisciplinar.

A linguística, então passa a articular com outras ciências como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a neurociência, etc. Para nós tal junção permitiu o surgimento da sociolinguística. O termo “sociolinguística” apareceu pela primeira vez em 1953, num trabalho de Haver C. Currie.

O estudo dessa disciplina desenvolveu-se nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, e o interesse despertado pela pesquisa deve-se à grande divulgação dos estudos de comunicação; à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade; à divulgação dos estudos de sociologia e linguística.

São considerados sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana (TARALLO, 1982).

William Labov linguísta americano, é o precursor da sociolinguística variacionista. Pois ele inicia os estudos da Teoria da Variação em 1963, quando analisa o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA). Depois desta pesquisa, outras surgiram, como a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966); a língua do gueto, entre outros.

Labov começa uma vertente de estudos de orientação antisaussuriana, ou seja, contrária à corrente dominante e que deu origem ao *Curso de Linguística Geral*. Assim, ao invés da *langue* – língua, como fez Saussure, Labov centra seus estudos na *parole* – fala/uso. E ainda enfoca o estudo da fala/uso de um ponto de vista social e não individual. Diferen-

temente das propostas vigentes da época sobre as teorias linguísticas em meados do século XX, pois neste período a língua é vista como um sistema homogêneo, unitário, enquanto que a sociolinguística percebe a língua como um sistema heterogêneo e plural, ou seja, a língua se apresenta de diversas maneiras e vai depender do uso feito pela comunidade linguística.

O objeto da sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Logo todas as línguas apresentam um dinamismo próprio, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim, formas diferentes que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

Na perspectiva da sociolinguística, o ser humano é por natureza plurilíngue, ou seja, que faz uso de várias línguas. Mesmo quando usamos a nossa língua, ela se apresenta de diversas maneiras: por exemplo, em casa, usamos o idioma familiar; na escola, com os amigos, com professores modificamos o nosso jeito de usar a língua e interagimos de maneiras diferentes, então tudo vai depender do meu interlocutor, do contexto, do lugar que falo e para quem falo. A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores.

Os sociolinguistas têm-se voltado para a análise dessas relações e o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto. Toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras.

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de amenizar, acabar o preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desmerecer, e banir como expressão linguística natural e legítima.

Embora os julgamentos de valor não se apliquem, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras.

### **3. *Caráter dinâmico e evolutivo da língua***

As pesquisas na área da linguagem tem mostrado que todas as línguas vivas são peças de um lento processo evolutivo. Tem-se que a através dela, assim, como do indo-europeu gerou o latim, este gerou o português. Por sua vez, sendo uma língua viva, o português, tem seu caráter dinâmico como todas as outras, de acordo com Cunha apud Luft:

Criação da sociedade, não pode (a língua) ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou. [...] A petrificação linguística é a morte do idioma. A linguagem é por excelência, uma atividade do espírito, e a vida espiritual consiste num progresso constante. (2000,p.40).

O que, ao longo de sua existência, tornou a língua portuguesa suscetível a influências de fatores geográficos, culturais e sociais, os quais são responsáveis tanto pelo seu comportamento como pelo surgimento de algumas variantes. Possenti reforça: “Não há língua que permaneça uniforme. Todas as línguas mudam. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida. (2001, p. 38)

Infere-se de tal afirmação que, a língua portuguesa no Brasil desenvolveu características próprias, baseada nos costumes do nosso povos. Nesta era da globalização e dos grandes avanços tecnológicos nas comunicações, a nossa “língua brasileira” está sendo constantemente “bombardeada” por novas informações, as quais, acrescidas a elementos de ordem sócio econômica, logo torna-se favorável o surgimento de outras variantes dessa língua.

#### **3.1. *As gramáticas possíveis em uma língua***

Quando fala-se sobre o ensino da língua materna nas escolas, enfatizamos que existe uma preocupação excessiva com “a escrita correta”, faz com que os alunos entendam a língua como “um conjunto de regras” e que qualquer tentativa de produção usando outras variantes será tacha-

da de “adequado” ou “inadequado” “certo” ou “errado” em detrenimento ao domínio efetivo da língua na comunicação.

A palavra gramática significa, segundo Possenti (2001, p. 64) “conjunto de regras” que pode ser entendida como (2001, p. 65) [...] que devem ser seguidas; [...] que são seguidas; [...] que o falante da língua domina”. Pode-se entender que na tentativa de uniformização, sempre houve uma preocupação em eleger a língua de maior prestígio social, no caso a língua culta como sendo ideal, a meta a ser atingida por aqueles que almejam ascensão social, sobre a qual se constituíram as “regras que devem ser seguidas” da gramática normativa.

Por outro lado, temos uma gramática descritiva elaborada com base na observação dos atos da fala de uma mesma língua, por que, apesar da gramática normativa ditar as regras que devem ser seguidas, é a fala que determina o uso efetivo da língua, “as regras que são seguidas”, por exemplo, palavras que caíram em desuso e novas palavras que estão sendo incorporadas na língua. A questão é que não existe língua sem gramática, pois ela é o alicerce sobre o qual serão formuladas todas as situações aceitáveis na língua. Pois segundo Luft (2000, p. 11):

Não há língua sem gramática. Amar uma língua é amar sua gramática [...] a autêntica gramática, a vital, verdadeira: conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua, com ela nascem, evoluem e morrem. (LUFT, 2000, p. 11).

Logo, se toda língua é dinâmica e se toda língua contém a sua “gramática verdadeira”, então, esta não pode ser estática. Assim, como a língua, o homem esta em constante evolução, o que torna cada ser humano particularizado, com costumes próprios e, portanto, com uma língua própria baseada “nas regras que o falante domina”

O conjunto dessas regras forma a gramática natural ou internalizada, que retrata o conhecimento implícito que norteia a comunicação do indivíduo no seu cotidiano. O falante não tem noção de tais regras, ela não são evidentes, são de ordem mental, e por isso o seu uso é espontâneo.

### **3.2. Um equívoco no ensino da língua portuguesa**

Acredita-se que a criança ao ingressar na escola, traga consigo vontades, sonhos de aprender a ler e a escrever e falar corretamente. Porém, a discriminação acontece quando a criança fala. É lamentável, mas é

nesse primeiro contato entre as duas formas de comunicação que surgem os conflitos e a criança é rotulada: ou fala com “erros”, é carente e vai apresentar dificuldades no desempenho cognitivo; caso fala “certinho”, será um sucesso. Mesmo sem perceber, a escola já está determinando, dessa forma, o fracasso ou o sucesso escolar de seus discente.

A escola considera que o aluno não sabe a língua materna ao adentrar no ensino fundamental, uma vez que não domina a leitura e a escrita. Dessa forma, inicia-se num processo em que o aprendizado se resume na busca obsessiva da ortografia correta, como se o domínio de uma língua estivesse restrito à sua estrutura gramatical.

Este ensino através da gramática se dá de uma forma fechada, imposta dentro de um conjunto fixo de regras, cuja função é a de corrigir as imperfeições dos alunos, priorizando a assimilação das suas nomenclaturas em detrenimento à aplicação desta na comunicação, o que só provoca a sua rejeição por partes dos discentes. Para Perini:

O ensino de gramática tem três defeitos, que o inutilizam enquanto disciplina: primeiro, seus objetivos estão mal colocados; segundo, a metodologia adotada é seriamente inadequada; e terceiro, a própria matéria carece de organização lógica. (PERINI, 1997, p. 49).

Alguns pensadores da educação concordam que o aluno só assimila uma matéria se ela de algum a forma despertar a sua motivação. Para que isso aconteça, ele necessita saber a importância e a aplicação do conteúdo.

### **3.3. A importância da fala na sociedade**

A expressão oral que é inata ao ser humano, em conformidade com isso, afirma Bechara (1997, p. 5) “recebendo o aluno já possuidor de um saber linguístico prévio limitado à oralidade, a escola não o leva a desenvolver esse potencial”, desprezando o fato de que no Brasil temos uma língua falada (a língua materna) que difere do português (da escrita culta), embora ambas sejam parecidas.

A essência da língua está na oralidade, como enfatiza Luft (2000, p. 39) “A verdadeira linguagem é a fala”. Portanto, a escrita tem a função primária de registrar o que já foi e o que pode ou vai ser dito. Como prova disso temos o exemplo das línguas àgrafas, que estão restritas à fala.

Inicialmente a gramática de qualquer falante esta condicionada ao meio em que ele foi criado; pois a criança só fala palavras que já ouviu e

elabora suas estruturas frasais estabelecendo uma relação com as frases que foram ditas no seu meio social.

Naturalmente, há variantes de gramáticas, conforme a origem, a idade, o grau de cultura ou nível sociocultural do falante; mas todas elas, mesmo as de nível mais baixo, são completas em si, dispõem de todos os elementos necessários para fazer frases e comunicar-se (LUFT, 2000, p. 37).

As pessoas utilizam a fala a todo instante, na sua casa com familiares, na rua, no trabalho com os colegas e em diversas outras situações. Em todas essas relações de comunicação elas estabelecem uma troca de informações, acrescentando novos termos, não necessariamente aceitos pela gramática normativa ao vocabulário da sua gramática internalizada.

Luiz Carlos Cagliari escreveu sobre essa característica da linguagem, segundo ele a convencionalidade da linguagem não rege só as relações entre signos linguísticos e o mundo, mas está presa a valores sociais, econômicos, ideológicos, políticos, religiosos, dependendo de contextos, o próprio sentido literal das palavras mudam (2007).

Já para Labov a linguagem determina a que grupo pertence o falante e a qual classe social está inserido, determina “quem é” e a que nível socioeconômico pertence tal pessoa.

### **3.4. A expressão oral em sala de aula**

Ressaltando a importância da escola no aprimoramento da competência verbal, quanto a oralidade, Lo Cascio (*apud* BECHARA, 1997, p. 45) diz que “seria necessário que se propusesse inicialmente ensinar a “falar”, não só como instrumento de expressão, mas também como instrumento social de comunicação para todas as ocasiões”. Daí porque as escolas devem desenvolver mais atividades de expressão oral visando não só a fala e a verbalização como também o senso crítico e a organização lógica do pensamento por parte dos alunos.

## **4. Análise da proposta de expressão oral do livro didático de língua portuguesa: *Leitura do Mundo***

O livro *Leitura do Mundo* da Editora do Brasil, edição 2005, esta dividido em nove unidades, sendo que somente as seis primeiras unidades possuem na sua abertura a seção “Hora de falar” dedicada á expres-

são oral. A maioria das seções utiliza uma epigrafe e uma gravura, que abre a unidade respectiva, para trabalhar as suas questões propostas.

As epígrafes são de autoria diversas como: Mário Quintana, La Fontaine, Ítalo Calvino, Guimarães Rosa e outros. Já as gravuras são direcionadas a ilustrar as epígrafes, razão pela qual fica difícil interpretá-las isoladamente.

As atividades “Hora de falar” propõe questões cujas respostas podem estar; na interpretação da epigrafe, nos conhecimentos internalizados do aluno ou na sua visão pessoal de mundo, a qual poderá ser utilizado pelo professor para um conhecimento mais aprofundado do aluno.

As atividades de expressão oral, trabalham com temas, que abordam problemas da adolescência; que despertam o interesse pelas ciências; com reflexões sobre ecologia; que envolvem a linguagem poética; que retratam a realidade social e, por fim, que instigam a procura do auto conhecimento por parte do discente.

Denota-se a relevância do parecer pessoal do aluno diante das questões propostas. Há uma preocupação, por parte das autoras, em aguçar o senso crítico do aluno, assim como, o aprofundar o assunto tratado. Desta maneira, a proposta das autoras é que os alunos façam um retrato dos problemas da sociedade urbana moderna e enfoquem as diferenças existentes no aspecto social, enfatizando que, quanto à possibilidade de variações da língua, as autoras utilizam construções frasais fazendo uso da linguagem figurada e incetiva os alunos em decodificarem as significações.

Este livro está de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN. As autoras mencionam a preocupação em contribuir para a formação de cidadãos conscientes e capazes de se expressar como membros atuantes na sociedade.

## **5. Considerações finais**

Neste breve artigo, vimos a importância que os professores devem dar ao desenvolvimento da oralidade em sala de aula, para que seus alunos saibam como atuar em cada situação de fala objetivando uma comunicação efetiva. Faz-se necessário que o docente reconheça que as crianças, ao chegarem a escola, já possuem uma gramática internalizada, uma gramática natural processada a partir de suas próprias experiências lin-

guísticas. Sabe-se, também, que a criança não é uma “tabula rasa”, desprovida de conhecimento. a experiência de mundo trazida pelo indivíduo faz parte da construção do conhecimento.

A nossa pequena análise foi fundamentada sobre o livro de língua portuguesa *Leitura do Mundo*, direcionada ao 6<sup>a</sup> ano do ensino fundamental, com a intenção de averiguar de que forma é abordada a questão da fala, ou seja, a “expressão oral”. O principal objetivo do trabalho não foi a crítica dessa obra, mas verificar se há a preocupação das autoras em dedicar conteúdos ao desenvolvimento dessa habilidade que é essencial para que o aluno exerça o pleno domínio da língua, e se este objetivo foi alcançado.

Com isso se enfatiza a necessidade do professor avaliar se os livros didáticos adotados pela a escola em que trabalha traz conteúdos que atentam para o desenvolvimento do discente enquanto “indivíduo pensante”, pois sabe-se que é aguçando os seus sentidos e provocando-o a fim de que, também busque o conhecimento de forma autônoma.

Portanto, ainda que seja a principal ferramenta utilizada no processo de ensino e aprendizagem pelo sistema público de ensino, os docentes não podem se deixar conduzir pelos livros didáticos e sim fazer deles um instrumento de apoio a ser somado a outras fontes do saber, sem desprezar o conhecimento prévio do aluno e o contexto de que faz parte.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo. 2001a.

\_\_\_\_\_. *O preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro? um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001b.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa*. Brasília, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2007.

FIORIN, José Luiz. Política linguística no Brasil. *Gragoatá*, n° 9, 2° sem. 2000, volume *Línguas e variação linguística no Brasil*. Niterói: Eduff, 221-231, 2000.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. São Paulo: Ática, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois...: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERINI, Mário. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola. Uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1988.

TEIXEIRA, Lucia; DISCINI, Norma. *Leitura do mundo*, 6° ano. São Paulo: Editora Brasil, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta metodológica de ensino de 1° e 2° graus*. São Paulo: Cortez, 2001.